

**DA ONTOLOGIA À ECOSOFIA DO TURISMO: AMOROSIDADE E
(AUTO)TRANSPOIENSE PARA O TURISMO-TRAMA DO MUNDO N'OVO**

**DE LA ONTOLOGÌA A LA ECOSOFÌA TURÌSTICA: AMOROSIDADE Y
(AUTO)TRANSPOIESIS PARA EL TURISMO-TRAMA DEL MUNDO N'OVO**

**FROM ONTOLOGY TO TOURISM ECOSOPHY: LOVINGNESS AND
(SELF)TRANSPOIESIS FOR TOURISM-PLOT OF THE NEW WORLD**



Maria Luiza Cardinale BAPTISTA
e-mail: malu@pazza.com.br

Como referenciar este artigo:

BAPTISTA, M. L. C. Da ontologia à ecosofia do turismo: Amorosidade e (Auto)Transpoiese para o Turismo-Trama do Mundo N'Ovo. **Rev. Educação e Fronteiras**, Dourados, v. 13, n. 00, e023014, 2023. e-ISSN: 2237-258X. DOI: <https://doi.org/10.30612/eduf.v13i00.17779>



| Submetido em: 15/08/2023
| Revisões requeridas em: 11/10/2023
| Aprovado em: 19/11/2023
| Publicado em: 20/12/2023

RESUMO: O ensaio apresenta reflexões sobre a urgência de desenvolvimento epistemológico-teórico-prático de uma Ecosofia do Turismo, diante das demandas contemporâneas no cenário de caosmosse de guerras múltiplas, pandemias, colapso climático e desafios de superação do Antropoceno. A fundamentação teórica é transdisciplinar e holística, envolvendo Epistemologia da Ciência e do Turismo, na composição de Ecosistemas Turístico-Comunicacionais-Subjetivos; Complexidade, Ecologia dos Saberes e Ecologia; Biologia Amorosa, do Conhecimento e Cultural. As estratégias metodológicas da Cartografia dos Saberes e das Matrizes Rizomáticas são processuais, complexas e plurimetodológicas no plano operacional, envolvendo dimensões: epistemológica, teórica, metódica e técnica. O texto traz, como resultados, reflexões sobre o Turismo e sua deriva histórica. Entre o funcionalismo pragmático desenvolvimentista e o acirramento da crítica do caráter capitalístico, a Ecosofia do Turismo pode nos ajudar a encontrar sinalizadores para o Turismo-Trama – o Turismo em sua dimensão complexa, ecossistêmica, holística – para o Mundo N'Ovo, o Mundo que precisamos ajudar a construir.

PALAVRAS-CHAVE: Turismo-Trama. Ecosofia. Amorosidade. (Auto)Transpoies. Mundo N'Ovo.

RESUMEN: El ensayo presenta reflexiones sobre la urgencia del desarrollo epistemológico-teórico-práctico de una Ecosofía del Turismo, dadas las demandas contemporáneas en el escenario de caosmosis, múltiples guerras, pandemias, colapso climático y desafíos de superación del Antropoceno. La fundamentación teórica es transdisciplinaria y holística, involucrando la Epistemología de la Ciencia y el Turismo, en la composición de los Ecosistemas Turístico-Comunicacionales-Subjetivos; Complejidad, Biología del Conocimiento, Biología del Amor y Biología Cultural. Las estrategias metodológicas de la Cartografía del Conocimiento y las Matrices Rizomáticas son processuales, complejas y multimetodológicas, en el nivel operativo, involucrando dimensiones: epistemológica, teórica, metódica y técnica. El texto trae, como resultados, reflexiones sobre el Turismo y su deriva histórica. Entre el pragmático funcionalismo desarrollista y la intensificación de la crítica del carácter capitalista, la Ecosofía del Turismo puede ayudarnos a encontrar señales para el Turismo-Trama –el turismo en su dimensión compleja, ecossistémica y holística– para Mundo N'Ovo, el mundo que necesitamos. ayudar a construir.

PALABRAS CLAVE: Turismo-Trama. Ecosofía. Amorosidad. (Auto)Transpoiesis. Mundo N'Ovo.

ABSTRACT: The essay presents reflections on the urgency of epistemological-theoretical-practical development of an Ecosophy of Tourism, given contemporary demands in the scenario of chaosmosis multiple wars, pandemics, climate collapse, and challenges of overcoming the Anthropocene. The theoretical foundation is transdisciplinary and holistic, involving the Epistemology of Science and Tourism, in the composition of Tourist-Communicational-Subjective Ecosystems; Complexity, Ecology of Knowledge and Ecology; Love, Knowledge, and Cultural Biology. The Cartography of Knowledge and Rhizomatic Matrices methodological strategies are procedural, complex, and multi-methodological at the operational level, involving dimensions: epistemological, theoretical, methodical, and technical. As a result, the text presents reflections on tourism and its historical drift. Between pragmatic developmental functionalism and the intensification of criticism of the capitalistic character, the Ecosophy of Tourism can help us find signposts for Tourism-Weaver – Tourism in its complex, ecosystemic, holistic dimension – for New World, the World that we need to help build.

KEYWORDS: Tourism-Plot. Ecosophy. Amorosity. (Self)Transpoiesis. Mundo N'Ovo.

Reflexões Iniciais

Este texto está sendo escrito em um cenário de guerras, em sentido amplo, e de uma guerra mundial, em sentido literal e específico. É difícil dizer isso, mas também é necessário compreender a grandiosidade dos reflexos de acontecimentos de violência cruzada que se agravam e dificultam a vida, colocando mesmo em risco a vida, não só humana, mas de todos dos seres vivos, em uma lógica que engloba várias espécies.

O conflito armado entre a Rússia e a Ucrânia, iniciado oficialmente em 24 de fevereiro de 2022, tem envolvido grande parte dos países do planeta, convocados a se posicionar e a promover ações que expressem claramente esse posicionamento. Naquele dia, o presidente russo, Vladimir Putin, declarou uma “operação militar especial” na região de Donbass, na Ucrânia, e, no mesmo dia, o Conselho de Segurança das Nações Unidas fez um apelo para que ele não avançasse com seus planos. Em vão.

Seguiu-se um mar de horrores, noticiado cotidianamente já por mais de um ano, trazendo à tona o fantasma da Guerra Mundial como expressão concreta, perversa e cruel, agravando drasticamente um cenário que já não era ameno, no qual houve eclosão de múltiplos conflitos internos em lógicas bilaterais entre países, que também geravam fenômenos de grandes migrações com deslocamentos de hordas de refugiados tentando escapar da morte em todas as suas dimensões.

As diferenciações de tratamentos dados aos refugiados da Ucrânia e desses refugiados em relação aos da África evidenciaram que, nem mesmo na eclosão de catástrofes, como a guerra, não há tratamentos correlatos em sentido de acolhimento aos seres da mesma espécie. Refugiados ucranianos e africanos demonstraram que os seres humanos não estão “no mesmo barco”. As embarcações são muito diferentes e modo de recepção e o nível de hospitalidade também.

O cenário atual também tem sido denominado de pós-pandêmico, diante do arrefecimento do número de mortes decorrentes da Pandemia causada pelo vírus da COVID-19, que gerou, entre os anos 2020 e 2022, dramáticas consequências em escala planetária, em todas as áreas da vida, inclusive e especialmente no desenvolvimento do Turismo.

As mortes por COVID-19 diminuíram, mas as consequências seguem sendo sentidas, como as sequelas do acometimento da doença. Sequelas múltiplas, decorrência de variantes de uma tragédia sanitária, que dizimou parte da população do planeta, quase que imediatamente, criou uma avalanche de mortes de seres humanos, bem como o fechamento de empresas, de empreendimentos, a falência de projetos de vida e de negócios, também e particularmente no Turismo. Não havia como se deslocar, os aeroportos em grande parte foram fechados.

Inacreditavelmente, quando pensamos nisso hoje, seria impossível de acreditar na ocorrência se o acontecimento fosse vislumbrado anteriormente. Durante a pandemia, a orientação era não se movimentar. Então, que seria do Turismo depois disso? Era uma das grandes questões, associada a outras de exacerbada dramaticidade: “Quem sobreviveria para fazer turismo depois disso?”.

O cenário decorrente é ainda mais grave quando entendemos que os dois *phyluns* de abordagem até agora – a guerra e a pandemia – viraram o mundo do avesso, expondo feridas profundas, sufocamentos e mortes, em sentido literal e figurado. Também expuseram evidências do caráter ecossistêmico, holístico (CREMA, 1989) e de interdependência das condições e eventuais chances de sobrevivência de todos os seres, dos humanos, entre outros. Fomos submetidos a rajadas de tempestades com a ação de governantes, demonstrando publicamente, em alto e bom som, o descaso com o coletivo. Mais que isso, vimos a emergência de mediocridade, do egoísmo e o surgimento, desde as catacumbas das fachadas de uma sociedade hipócrita, hordas de aproveitadores do momento dramático para lucrar, para vender, para explorar, expropriar.

Capitalismo por espoliação é injetado na veia, com evidências derramadas todos os dias pelos meios de comunicação e pelas vivências pessoais nas relações cotidianas e nas buscas de obter condições mínimas de sobrevivência. “A cruel pedagogia do vírus”, como chamou Boaventura de Sousa Santos (2020), mas também a cruel pedagogia do capitalismo, gerando e agravando tempos de barbárie contemporânea. A cruel pedagogia de uma humanidade desumana, no sentido de que a espécie há muito rompeu com as características intrínsecas dos grupos compostos pelos primeiros representantes de animais humanos na face da terra. A família ancestral, como nos ensinou Maturana (2004), era colaborativa, amorosa, sem preconceitos e hierarquias. Convivia segundo a lógica matrística, pautada pela coexistência entre os seres, não só humanos, numa lógica de convivência amorosa e harmoniosa multiespécie. Como eu disse em outro texto, infelizmente, já nos demos conta que, como projeto coletivo de espécie de ser vivo, a humanidade não deu certo (BAPTISTA, 2020). Caminhamos rumo a abismos, despenhadeiros lamentavelmente criados por nós mesmos.

Como humanidade, deveríamos ter claro, diante dessas grandiosas manifestações, que ou sobrevivemos todos e contribuimos para a restauração do planeta ou estamos condenados como espécie de ser vivo. Nessa condenação, comprometemos gravemente a vida de outros seres, que, diga-se de passagem, têm demonstrado mais inteligência, em sentido amplo, que os humanos. Digo isto porque já tem sido bastante discutida as incoerências e contradições de um ser que se diz inteligente, por pensar, por ter consciência – “Penso, logo existo”, nos ensinou o cogito

cartesiano – e, ao mesmo tempo, e apesar disso, constrói condições e aparatos que podem destruir com a vida no planeta em segundos, como a bomba atômica, por exemplo.

Deparamo-nos, então, perante os resultados do que vem sendo denominado Antropoceno, como era geológica caracterizada pelo impacto das ações do humano. Trata-se de uma nova época geológica que se segue ao holoceno, o período com temperaturas mais quentes após a última glaciação. O conceito “antropoceno” deriva etimologicamente do grego *anthropos*, que significa humano, e *kainos*, que significa novo. Foi popularizado em 2000 pelo químico holandês Paul Crutzen, vencedor do Prêmio Nobel de Química em 1995. Tem sido amplamente discutido por pensadores contemporâneos, como Massimo de Felice, pesquisador da Universidade de São Paulo, entre tantos outros autores. Entre os fatores que marcam o Antropoceno, podemos destacar: o progresso tecnológico que se acelerou após a Primeira Revolução Industrial, o crescimento populacional de maneira exponencial (NARDY; DI FELICE, 2021) e a multiplicação da produção e do consumo. Todos inspiram cuidados e remetem a reflexões profundas, com o que se pode chamar “risco planeta” ou, mais apropriadamente, penso eu, “risco à vida no planeta”.

Vivemos um tempo que foi denominado como “tempo das catástrofes”, por Isabelle Stengers (2015), química, filósofa e historiadora belga, com excelente contribuição na Filosofia da Ciência. Ela tem parceria com o químico russo Ilya Prigogine (2001), em discussões sobre o caos e outras temáticas contemporâneas que ajudam a compreender o dramático momento do planeta e o papel no humano na construção desse cenário. Os dois autores, associando conceitos da Química à Filosofia da Ciência, nos permitem compreender sinalizadores de como lidar com as instabilidades dos ecossistemas e a turbulência das substâncias que se concentram e dissipam, evidenciando que não há possibilidade de controle total, mas há pelo menos a possibilidade de reconhecimento dos “Nós”, também do que eu venho chamando de Entrelaços Nós (BAPTISTA, 2021), que nos ajudam a nos fortalecer minimamente, para que possamos ampliar a chances de (sobre)viver. Nesse sentido, a discussão alinha-se aos sinalizadores trazidos aqui neste texto, como vislumbres de orientações epistêmicas para a construção do Mundo N’Ovo: amorosidade e (Auto)Transpoiese (BAPTISTA, 2022).

Assim também, para avançar em vislumbres de possibilidades de existir, a ecosofia, como proposição de uma filosofia ecológica, de uma episteme pautada pelo cultivo de condições de possibilidade de coexistir, (GUATTARI, 1981) se mostra interessante e urgente. Por isso, este texto constitui-se em proposição de associação entre Ecosofia e o Turismo, considerando a significativa potência inerente às matrizes de significação, ao núcleo gerador de significação do Turismo.

Da Ontologia do Turismo

Parto do pressuposto, aqui, de que os traços básicos do turismo, espécie de grau zero de significação, estão relacionados diretamente aos processos de geração e produção de vida. Assim, o próprio Turismo pode ser potencializado, desde o avesso de sua trama, por isso referido aqui neste texto e nos meus estudos como Turismo-Trama (BAPTISTA, 2018). É sobre esse turismo que passo a refletir a partir de agora.

A ontologia é palavra formada pelos elementos do léxico grego: óntos, que equivale a ser vivo, e -logia em relação a logos, refere-se ao saber ou ciência. Corresponde à ciência que estuda o ser e foi tratada por Aristóteles como a primeira filosofia, implicando admitir um princípio a partir do qual é possível entender a diversidade do que existe, e se isso é possível, é porque existem elementos diferenciadores do ser em si. No caso, podemos associar a ontologia, aqui, portanto, a um núcleo de significação a respeito do que estamos tratando, ou seja, do Turismo.

Assim, a proposta é conversar desde a ontologia do Turismo, sobre desafios e condições contemporâneas. Para tanto, apresento agora, em síntese, o resgate da deriva histórica do núcleo de significação gerador do Turismo, assim como algumas marcas desse universo de produções de conhecimento, a que venho me referindo como Ecossistemas Turístico-Comunicacionais-Subjetivos (BAPTISTA, 2020). É importante considerar bases de vieses epistêmicos, que orientam dinâmicas, processos, práticas, teorias e metodologias, associadas ao universo do Turismo em diferentes momentos. A processualidade da deriva histórica resulta no que vivemos, nas ocorrências cotidianas do Turismo e nas múltiplas direcionalidades de abordagens. Assim, parece fundamental refletir sobre o que é o Turismo, como surge na deriva histórica e como foi sendo construído seu entendimento.

Resgato a boniteza dos versos de Jorge Drexler (2017), que sintetizam poeticamente aspectos que tenho refletido em meus estudos nos últimos anos: “Somos uma espécie em viaje. Nos tenemos pertenencia, solo equipaje”.

Movimiento

*Apenas nos pusimos en dos Pies
Comenzamos a migrar por la sabana
Siguiendo la manada de bisontes
Más allá del horizonte, a nuevas tierras lejanas
Los niños ala espalda y expectantes
Los ojos en alerta, todo oídos
Olfateando aquel desconcertante
Paisaje nuevo, desconocido
Somos una especie en viaje
No tenemos pertenencias, sino equipaje
Vamos con el polen en el viento
Estamos vivos porque estamos en movimiento
Nunca estamos quietos
Somos trashumantes, somos
Padres, hijos, nietos y bisnietos de inmigrantes
Es más mío lo que sueño que lo que toco
Yo no soy de aquí, pero tú tampoco
Yo no soy de aquí, pero tú tampoco
De ningún lado del todo y, de todos
Lados un poco
Atravesamos desierto, glaciares, continentes
El mundo entero de extremo a extremo
Empecinados, supervivientes
El ojo en el viento y en las corrientes
La mano firme en el remo
Cargamos con nuestras guerras
Nuestras canciones de cuna
Nuestro rumbo hecho de versos
De migraciones, de hambrunas
Y así ha sido desde siempre, desde el infinito
Fuimos la gota de agua, viajando en el meteorito
Cruzamos galaxias, vacío, milenios
Buscábamos oxígeno, encontramos sueños Apenas nos
pusimos en dospies
Y nos vimos en la sombra de la hoguera
Escuchamos la voz del desafío
Siempre miramos al río, pensando en la otra rivera
Somos una especie en viaje
No tenemos pertenencias, sino equipaje
Nunca estamos quietos, somos trashumantes
Somos padres, hijos, nietos y bisnietos de inmigrantes
Es más mío lo que sueño, que lo que toco
Yo no soy de aquí, pero tú tampoco
Yo no soy de aquí, pero tú tampoco
De ningún lado del todo y, de todos
Lados un poco
Los mismo con las canciones
Los pájaros, los alfabetos
Si quieres que algo se muera
Déjalo quieto*

Movimento

*Apenas ficamos em dois pés
Começamos a migrar pela savana
Seguindo o rebanho de bisontes
Mais além do horizonte, para novas terras distantes
As crianças de costas e expectantes
Olhos em alerta, todo ouvidos
Cheirando aquela desconcertante
Nova paisagem, desconhecida
Somos uma espécie em viagem
Não temos pertences, apenas a bagagem
Vamos como pólen ao vento
Estamos vivos porque estamos em movimento
Nunca estamos quietos
Somos nômades, somos
Pais, filhos, netos e bisnetos de imigrantes
É mais meu o que sonho do que o que toco
Não sou daqui, muito menos você
Não sou daqui, muito menos você
De nenhum lado do todo, de todos os
Lados um pouco
Cruzamos deserto, geleiras, continentes
O mundo inteiro de ponta a ponta
Teimosos, sobreviventes
O olho no vento e nas correntes
A mão firme no remo
Nós carregamos com nossas guerras
Nossas canções de ninar
Nosso curso feito de versos
De migrações, de fomes
E assim tem sido desde sempre, desde o infinito
Nós fomos a gota de água, viajando no meteoro
Cruzamos galáxias, vácuo, milênios
Buscávamos oxigênio, encontramos sonhos
Apenas ficamos em dois pés
E nos vimos na sombra da fogueira
Nós ouvimos a voz do desafio
Sempre olhamos para o rio, pensando na outra margem
Somos uma espécie em viagem
Nós não temos pertences, mas a bagagem
Nós nunca estamos quietos, estamos atrás da
humanidade Somos pais, filhos, netos e bisnetos de
imigrantes
É mais meu o que sonho do que o que toco
Não sou daqui, muito menos você
Não sou daqui, muito menos você
De nenhum lado do todo e, de todos
Lados um pouco
O mesmo com as músicas
Os pássaros, os alfabetos
Se você quer que algo morra*

	Deixe-o quieto
--	----------------

Fonte: <https://www.lettras.mus.br/jorge-drexler/movimiento/traducao.html>

Estamos vivos porque estamos em movimento. Este é o ponto. Matriz nômade de uma espécie que, em sua origem, se relacionava harmonicamente com outros seres, os seres outros, representantes do universo biótico e abiótico. Nômades que se deslocavam e, no movimento, renasciam, reinventavam-se, reproduziam-se a si mesmos e entre si, numa lógica (auto)transpoiética que caracteriza a espécie em transversalizações constantes com o nicho ecológico, numa relação recursiva de constituinte constituidor. O ser humano é constituinte e constituidor, produto e produtor do nicho ecológico, numa lógica de coexistência natural e espontânea (MATURANA; D'AVILA, 2015). Há, portanto, relação direta entre (Auto)Transpoiese e geração de vida, assim como há em relação ao Turismo. Turismo é dispositivo (auto)transpoiético gerador de vida, em mesma lógica ontológica correspondente à viagem, à comunicação, às conversas e às “com-versações”.

O movimento, a desterritorialização¹, como Guattari e Deleuze denominaram no século passado, aciona a potência de agenciamento da (auto)transpoiese, da (auto)produção de si mesmo em transversalizações com o nicho ecológico. Maturana ensinou-nos a autopoiese molecular, como matriz geradora da produção dos seres vivos. Mesmo que ele, no final de sua vida, tenha reiterado que a proposição conceitual autopoiese dizia respeito apenas aos seres vivos, desde a Biologia, a concepção da palavra, como cristalização de sentido, como eu costumo definir as palavras, soltou aos quatro ventos a combinação da significação auto (relativo a si mesmo) e poiese (produção) que, no entendimento de outros sujeitos ouvintes, leitores e produtores de conhecimento, passou a ser usada para outros universos de conhecimento e de produção de vida.

Antes dessa fase, referida em seus estudos como Biologia Cultural, quando o autor passou a produzir mais diretamente em conjunto com Ximena D'Ávila, os percursos anteriores tiveram as reflexões denominadas como Biologia Amorosa e do Conhecimento (MATURANA; VARELA, 1997), quando ele produzia especialmente com seu ex-aluno e parceiro, o também biólogo Francisco Varela. Ambos ajudaram a entender a autopoiese e a compreender a importância do conceito que representa a síntese de autoprodução do ser vivo, também na transposição para outros universos.

Em síntese, estou associando aqui a origem e o processo natural de produção da vida, com

¹ Os autores não se referem à desterritorialização como saída do território geográfico, mas a uma condição de perda da conexão com o universo existencial conhecido. Trata-se do primeiro movimento das linhas do desejo em que o sujeito literalmente é potencializado pelo movimento. Daí a conexão neste texto (DELEUZE; GUATTARI, 2004).

o movimento, a desterritorialização, traço inerente e característico do grau zero de significação do Turismo, desde um tempo em que a própria denominação, em si – Turismo – não existia. “Somos uma espécie em viagem”. Assim, a metáfora da viagem parece emblemática, como profundo sulco que marca o traço básico do turismo. Lembro que a palavra viagem deriva do Latim *viaticum*, “jornada”, originalmente “provisões para uma jornada”, derivado de *via*, “caminho, estrada”. Podemos pensar, então, na composição com “agem”, ação, onde temos “viagem é ação no caminho”. Sim, também estamos no caminho de entender mais profundamente o Turismo que me interessa, o Turismo desde os sulcos profundos, as entranhas do conceito, seu avesso, o Turismo-Trama.

Lembro-me de Luís Carlos Restrepo (1998), psicanalista colombiano que, há muitos anos, em livro lindo, me ensinou o termo do Antigo Testamento, *splacnisomai*, literalmente “sentir com as tripas”. Fico pensando: “é isso!”. Eu literalmente gosto de sentir com as tripas também os conceitos. É atrás disso que estou quando mergulho nas palavras, no caso, aqui, nesse “em amor”, nesse enamoramento dos conceitos viagem e turismo. Por isso mesmo, eu também tenho chamado as próprias investigações, como ações de investir em uma direção, ou seja, “viagens investigativas”, certamente uma das minhas maiores paixões, mais que isso, bem mais do que paixão, um amor pleno e absoluto, tanto no que diz respeito aos fazeres quanto aos saberes.

O mesmo ocorre com o termo Comunicação, também característico dos meus estudos, cuja matriz de significação nos possibilita o encontro com a ideia de construção de pontes, dar passagem, “com-partilhar”. O Universo de que trato, portanto, no Turismo, na Comunicação e nos estudos de Subjetividade é amoroso por excelência, desde as profundezas dos caminhos e descaminhos de significação. Essa é a tônica da proposição de Ecosofia, Amorosidade e (auto)transpoiese para o Turismo, que apresento neste texto, como síntese de “com-versações” que tenho feito de forma mais ampla em meus projetos e diversas publicações há mais de 10 anos no Turismo, mais de 30 anos nas outras áreas e quase 60 anos de vida.

Ressalto, aqui, em abordagem também etimológica, que a palavra Turismo deriva do termo *tourism* em inglês, que, por sua vez, decorre do francês *tour*, que significa “dar uma volta”. Sua origem remota, no entanto, está relacionada ao vocábulo *tornus* em latim, que quer dizer movimento ou volta (ORIGEM DA PALAVRA, 2023). Percebo e saliento como existem conexões entre nossos interesses, entre nossos amores, também conceituais. O conceito “com-versações”, expresso assim mesmo, proposto por mim, pretende sinalizar para o conjunto de ações transversalizadas entre os seres, também entre sujeitos e lugares.

Há vários anos, venho trabalhando com a proposição associada ao Turismo, com projetos

de pesquisa e parcerias nacionais e internacionais, na produção e investigação de narrativas (auto)transpoiéticas que se caracterizam por “com-versar” lugares e sujeitos. Essa proposição alinha-se, também, ao pensamento de Maturana (1988), quando ele resgata a Ontologia do Conversar e diz que conversar é “dar voltas com”, assim como que essa dinâmica está na base das relações humanas e que correspondem ao nosso traço intrínseco amoroso. Segundo o autor, somos *homo-amans-amans*, por natureza da espécie, e isso que nos faz ter a potência autopoiética de se produzir na recorrência do conversar, nas “voltas com”, no movimento. Vejam a conexão com a mesma matriz de significação do Turismo, conexões ontológicas.

- Viagem - deriva do Latim *viaticum*, “jornada”, originalmente “provisões para uma jornada”, derivado de *via*, “caminho, estrada” (ORIGEM DA PALAVRA, 2023).
- Turismo - deriva do termo *tourism* em inglês, que, por sua vez, decorre do francês *tour*, que significa “dar uma volta”. Sua origem remota, no entanto, está relacionada ao vocábulo *tornus* em latim, que quer dizer movimento ou volta.
- Conversar, dar voltas com, no movimento (MATURANA, 1988).
- “Com-versações”, expresso assim mesmo, proposto por mim, pretende sinalizar para o conjunto de ações transversalizadas entre os seres, também entre sujeitos e lugares.
- Comunicação – do latim, *comunicare*, ação de tornar comum, partilhar (RABAÇA; BARBOSA, 1987).

Relembro aqui o raciocínio que discuti em dissertação na área da Comunicação (1995), publicada posteriormente em livro (1996). Seguindo a ontologia de Comunicação, o momento comunicacional pode significar o momento do “encontro”, em que são compartilhados fluxos informacionais, em suas materialidades e imaterialidades. Essa lógica implica necessariamente disposição de movimento, no sentido de ir ao encontro, de desalojarmo-nos de nós mesmos, desterritorializarmo-nos, em direção ao Outro (que é tudo o que é não eu, não necessariamente outro humano) e em transformação, encontro de corpos. Assim, a comunicação, em sua ontologia, também se alinha ao caráter inerente à viagem, ao turismo, às conversas, às ‘com-versações.

Amorosidade: que viagem é esta?

Decidi conversar aqui em destaque sobre Amorosidade, ainda que, como veremos, também se verifiquem confluências com o conceito de Comunicação. Assim, começo dizendo que se trata de uma viagem longa falar sobre amorosidade em relação à Ciência, relacionando-a aos mais diversos universos existenciais e de conhecimento com os quais tenho me envolvido e nos quais tenho produzido, como é o caso do Turismo, com a proposição de Turismo Amoroso (BAPTISTA *et al.*, 2020). Costumo dizer que amorosidade não é um conceito, mas é minha orientação de vida. Amorosidade, condição “em-amor”, condição “em- a-morada”, condição enamorada pelo que faço, estudo, pelos seres com quem convivo, pelos meus lugares existenciais e pelas viagens, todas – as desterritorializações geográficas, imaginárias, existenciais e comunicacionais, em “conversações”, sem que se possa, ao certo, diferenciar até que ponto estou em uma ou outra.

Ao longo da vida, fui ressignificando a palavra Amor, entendendo que o núcleo de significação dessa cristalização de sentido só faz sentido em condição ampliada e desvinculada da lógica capitalística romântica de posse e apropriação do outro como “meu” amor. Assim, a condição amorosa foi se mostrando para mim, como a própria condição inerente e intrínseca à possibilidade de continuar viva, em pulsações geradoras de micro movimentos de reinvenção de mim mesma, em potência, em alegria, pela simples, singela e, ao mesmo tempo, gigantesca condição de amar. O encontro com Maturana, então, foi emblemático, avassalador, inicialmente pelo texto intitulado Emoções e Linguagem na Educação e na Política (1998), e depois com o contato incessante com seus textos, vídeos e até mesmo com a realização de dois cursos na Escola Matrística de Santiago do Chile, entre 2020 e 2021. Assim como ocorreu com vários outros pensadores, que considero espécie de cúmplices amorosos, dessa minha proposição “por um mundo mais amoroso” (BAPTISTA *et al.*, 2020). Roland Barthes (1986), Paulo Freire (1987; 1996), Edgar Morin (2020), Rubem Alves (2002), entre outros. Por isso mesmo, venho dizendo que falo de amor em relação à Ciência e não estou sozinha; ao contrário, estou muito bem acompanhada.

Em entrevista recente, o pensador Edgar Morin (2020), por exemplo, sintetizou, do alto de sua sabedoria de 101 anos de vida: “O egocentrismo deve ser reduzido ao mínimo vital de conservação. A fraternidade é algo capital”. Nesse sentido, o amor de que falo é o amor como condição amorosa pela humanidade, como ética da relação e do cuidado. Amor como compaixão e fraternidade. O amor que nos potencializa para nos produzirmos a nós mesmos e a convivermos harmoniosamente com seres outros, de todas as espécies, seres humanos e não humanos, sujeitos elementos do ambiente, sujeitos e lugares, deste e de outros planetas ou dimensões espirituais

como eu tenho chamado.

Mais tarde, na Amazônia, em uma palestra de abertura do ano acadêmico para a pós-graduação de toda instituição, no ano de 2015, lembro ter afirmado que amorosidade, muito longe de ingenuidade, é a nossa única chance de sobrevivência como planeta. A declaração continua valendo para mim. O período de encontros com a Floresta, depois de 2010, representou para mim uma grande transformação e ampliação de saberes, de aprendizados com a exuberância do bioma amazônico, com a natureza de pessoas fortes e simples, na mesma proporção, que fazem dos contrastes, diferenças e desafios seus barcos de passagens para o outro lado do rio (FARIAS, 2017), apresentando a Amazônia como uma matriz epistêmica, que pode ser pensada como ensinamento para reaprendermos a ser mundo (COLFERAI, 2014).

Bem, eu estudo o que proponho. Penso que o mundo precisa de mais amorosidade, como ética do cuidado e da relação! É preciso ser amoroso, desde as minúcias do cotidiano, buscando acolher o outro e fazer disso o alimento da vida! O Turismo também precisa ser assim, cuidadoso, amoroso, responsável ecossistemicamente²! Que tenhamos todos sempre “o amor nosso de cada dia”, como sustento de alegria, para seguir viagem, na pesquisa, na vida e nos textos com nossos relatos investigativos! E por falar nisso, vamos adiante.

Por uma Ecosofia do Turismo

Para falar sobre a proposição de uma Ecosofia do Turismo, é importante compartilhar uma síntese de minhas ‘com-versações’ com a Ecosofia nos últimos tempos. Assim, parto da ontologia do conceito, para não perder o costume e orientação geral deste artigo e de minhas produções. A origem remota do termo nos remete a 1973, quando o filósofo norueguês Arne Naess o propôs, em seu artigo, Os Movimentos Ecológicos Profundos e a Longo Alcance: Um Resumo e ecologia profunda: um resumo. A matriz etimológica de ecosofia corresponde à união da palavra grega οἶκος (oikos), que significa casa e σοφία (sofia), que é traduzida como conhecimento ou sabedoria (CAPRA, 1991). Dessa matriz decorre o entendimento de Naess de ecosofia como filosofia ecológica. O mesmo cientista é a referência para a proposição de Ecologia Profunda, que vem sendo substrato de grandes transformações dos pressupostos que transversalizam universos investigativos desde a Biologia, a Química, a Física, avançando para universos mais amplos como

² Apresentei a proposta Responsabilidade Ecosistêmica, em 2016, na Conferência Magistral no *Congreso Iberoamericano de Turismo y Responsabilidad Social* (CITURS), em La Coruña, Espanha. Não se trata de uma simples questão semântica, em relação às discussões de Responsabilidade Social, mas de uma questão epistêmica, de descentramento da lógica do Antropoceno, convidando à responsabilidade do todo pelo todo.

as chamadas Ciências Humanas e Sociais. Adotar uma postura ecosófica, que seja coerente com a visão de ecologia profunda, tem sido sinalizado como urgência contemporânea, para o enfrentamento de grandes emergências, como a crise ambiental, climática, sanitária, de crescimento populacional, a fome e a pobreza.

Capra e Luisi (2014, p.448), nesse sentido, mencionam o pensador ambiental Lester Brown, comentando seu livro intitulado *Plan B*, lançado em 2008, em que está demonstrado o “[...] círculo vicioso da pressão demográfica e da pobreza [que] levam ao esgotamento dos recursos – redução do volume dos lençóis freáticos, retração das florestas, colapsos das indústrias de pesca, erosão dos solos”. O esgotamento de recursos tem nos levado a condições dramáticas, pois, agravado pelas mudanças climáticas, gera “estados deficientes cujos governos não podem mais garantir a segurança de seus cidadãos, alguns dos quais, em desespero, voltam-se ao terrorismo”. Assim, caminhamos para despenhadeiros existenciais, em sentido individual e coletivo, cujo resultado é também o que estamos encontrando e que venho salientando desde o início deste texto: a guerra, a pandemia, as catástrofes ambientais e sociais, a desesperança, o desespero, a morte em sentido literal e figurado, para seres cujos representantes empoderados economicamente ainda se acreditam inteligentes, ao mesmo tempo, em que seguem criando condições de suas próprias mortes e de uma espécie que brotou espontaneamente na deriva de transformações dos seres vivos, como espécie amorosa, pautada pela lógica matrística de coexistência entre todos os seres, coexistência multiespécie, reconhecendo-se como integrante da natureza.

Lembro-me, nesse sentido, de um episódio com o qual entrei em contato, como jornalista, editora de Geral do Jornal O Vale Paraibano, no interior de São Paulo, sediado em São José dos Campos. Esta é uma cidade com forte presença armamentista, onde a indústria bélica se desenvolveu fortemente, assim como a indústria aeronáutica. Entre as histórias dessa cidade está o registro de um suicídio do filho de uma das grandes indústrias armamentistas, que deixou um bilhete para o pai com a informação: “Pai, armas são feitas para isto!”³. Pelas próprias regras do Jornalismo, não há registros oficiais do acontecimento, mas a história era vez por outra lembrada na Redação do Jornal, em que trabalhei por mais de dois anos, especialmente quando se comentava as contradições de uma indústria armamentista, que gera emprego, que gera recursos, mas que também gera morte, literalmente “vive disso”. Lembro-me também, por exemplo, do estranhamento que me causava quando empresários do setor, em entrevista, lamentavam-se sobre

³ Pelas próprias regras do Jornalismo, não há registros oficiais do acontecimento, mas a história era vez por outra lembrada.

a crise econômica, as dificuldades de comercialização e usavam o argumento: “Estamos em entressafra! [de guerras!]”.

Tudo isso me direciona ao questionamento, que tenho sintetizado com uma frase da canção de Caetano Veloso, bastante conhecida, intitulada Cajuína: “Existirmos, a que será que se destina?”. Isso vale para mim, para você, para a Ciência, o Jornalismo, o Turismo. Por isso mesmo, estamos aqui, nessa reflexão ensaística, esta sintetizada na proposição de uma Ecosofia do Turismo. Como universo complexo transversal de produção de saberes, o Turismo tem se desenvolvido, em seus saberes e fazeres, com um fio da vida costurado a outras linhas de tempo, como a das interfaces com que venho trabalhando especialmente – Comunicação e Estudos de Subjetividade – mas, em sentido ainda mais amplo, alinhado à linha de tempo de desenvolvimento da Ciência, em sua complexa trama holística, e o Capitalismo, também passível de ser vislumbrado com ecossistema complexo e rizomático, que concentra e dissipa a partir de pontos de confluência e de passagem, contagiando, contaminando a todos e a tudo, capitalismo por excelência, capitalismo por espoliação, como nos ensinou David Harvey (2005; 2008).

Assim, parece crucial resgatar a proposição inicial de Arne Naess, quando se referiu à ecosofia, como uma filosofia de harmonia com a natureza ou equilíbrio ecológico, sinalizando, já no século passado, para desafios com os quais nos deparamos agora à beira de muitos abismos existenciais. Nesse sentido, o termo, para mim, representa uma espécie de síntese dos pressupostos epistemológicos, com os quais venho trabalhando na Ciência, que defino como ecossistêmica, complexa, caosmótica, holística, pautada pela ecologia profunda. Existe confluência ecosófica entre essas visões. A visão holística é mais ampla e pressupõe que os saberes precisam considerar o todo e as conjunções, múltiplas (CREMA, 1989; GOSWAMI, 2008). São diferentes ênfases.

Enquanto o holismo é o todo, o complexo prioriza a compreensão pelas relações complexas da teia-trama dos sistemas, em movimento contínuo de recursões organizacionais, que nos ensinam que o caos não é desordem, mas nos leva a padrões de organizações sobre os quais não temos total controle (MORIN, 2003). Estes sistemas, por sua vez, só fazem sentido se forem “lugares geradores de vida”, ecossistemas, que, por sinal, só existem em conexões complexas. Já a ecologia profunda, em sintonia com essas outras visões, chama a atenção ainda para a conexão e o alinhamento de valores de todos os seres, rompendo com a supremacia do humano, que caracteriza a era geológica do Antropoceno. Desse modo, a ecologia profunda seria o avesso da ecologia, no sentido com que venho trabalhando o avesso, como a expressão da trama-teia da vida complexa, onde se mostram os nós e entrelaços que sustentam a Fachada, com suas materialidades e ênfases da engrenagem capitalística.

Ressalto, ainda, que meu contato com a Ecosofia tem sido marcado também pelo viés esquizoanalista, pelas minhas contínuas “com-versações” com os textos de Félix Guattari e Gilles Deleuze (2004). Guattari, em texto enxuto, mas denso e profícuo, sintetiza a sua proposição de ecosofia em livro intitulado *As três ecologias* (1981), quando propõe: ecologia mental (subjéitiva), ecologia social e ecologia ambiental. Neste texto, o autor já traz sinalizadores de discussão aprofundada sobre os grandes problemas globais contemporâneos e a urgência de posturas ético-políticas, para evitar o colapso planetário em vários sentidos. É interessante, nesse sentido, o destaque do autor para o que chama de “paradoxo lancinante”:

[...] o desenvolvimento contínuo de novos meios técnico-científicos potencialmente capazes de resolver as problemáticas ecológicas dominantes e determinar o equilíbrio das atividades socialmente úteis sobre a superfície do planeta e, de outro lado, a incapacidade das forças sociais organizadas e das formações subjétivas constituídas de se apropriar desses meios para torná-los operativos (GUATTARI, 1981, p. 12).

Chegamos então a um ponto crucial, com a reflexão de Guattari, que demonstra a urgência de uma Ecosofia do Turismo. Na deriva histórica de desenvolvimento do Turismo e de seus saberes correspondentes, rumo à consolidação de um universo de investigação consolidado – não denomino Ciência do Turismo, porque isso seria incoerente com uma visão holística –, reconhecemos valores intrínsecos e profundos em sua condição transversal, plural, transdisciplinar, de relevância para tudo e para todos.

O Turismo, em seus fazeres e saberes, nos diz respeito a todos. De um modo ou de outro, Gaia, o Planeta Terra, é marcado profunda e constantemente pelo Turismo, seja em seus traços ontológicos ou em suas peculiaridades derivadas do acoplamento histórico ao viés do Capitalismo Mundial Integrado. Dessa maneira, foi percorrido um extenso processo de teorização, iniciando-se com a visão administrativa e de gestão do turismo, que conta com uma vasta produção. Este percurso seguiu para uma abordagem crítica, contribuindo para a compreensão dos limites e enganos inerentes a uma lógica desenvolvimentista do turismo, muitas vezes disfarçada sob uma aparência de hospitalidade comercial e sustentabilidade. O objetivo final foi atingir uma visão sistêmica, permitindo a compreensão das diversas conexões e relações de interdependência envolvidas.

A proposição ecosófica, aqui apresentada, não nega saberes, mas propõe ampliações de olhares e conexões, orientada por uma epistemologia que combina a visão holística, com pressupostos de complexidade, de ecologia profunda, compreendendo a caosmose (GUATTARI, 1992) contemporânea – de caos, osmose no cosmo – como desafios para a sobrevivência de todos os ecossistemas, assim como o ecossistema do Turismo, que denomino Trama. Nesse sentido, nas

reflexões sobre fenômenos como turismofobia, turistificação e gentrificação, que expõem em “carne viva”, “a céu aberto”, as feridas existenciais, sociais e econômicas, em todas as instâncias da vida, produzidas por práticas turísticas impensadas, voltadas ao objetivo maior do Capitalismo, que é gerar e acumular Capital.

Durante a pandemia, Edgar Morin (2020) nos ofereceu uma síntese reflexiva orientativa, em livro intitulado “É hora de mudarmos de via. As Lições do Coronavírus”, no qual defende o surgimento de um humanismo regenerado. Penso, nesse sentido, que a Ecosofia do Turismo nos convida a pensar também em um Turismo regenerado. Maturana, em seu último livro, propôs uma “Revolução Reflexiva”. Seu questionamento constante, nos textos e nos seminários, nos leva a refletir: o que estamos fazendo para que possamos seguir nos produzindo em harmonia com nosso nicho ecológico? Eu posso deslizar a reflexão para nosso universo investigativo e perguntar: que turismo vamos continuar produzindo, ensinando, construindo cientificamente? O que queremos com nossas produções e como podemos fazê-las amorosas, eticamente responsáveis e agenciadoras de potência de (auto)transpoiese?

Em outros modos de indagar: vamos seguir com práticas que levem ao ódio ao Turismo, aos turistas, práticas que conduzam à destruição dos ecossistemas, dos patrimônios e da subjetividade? Vamos seguir semeando precarização do trabalho, com esmaecimento do gosto, do gozo inerente às desterritorializações desejanças do turismo, em sua ontologia do movimento, da viagem, da condição intrínseca de nômades em coexistência pacífica e harmoniosa com o ambiente?

Rumo ao Turismo-Trama Ecosófico para o Mundo N'Ovo

Depois das reflexões aqui apresentadas, imagino já estejam sinalizados – em síntese, como esboços– desafios, urgências e vislumbres do nosso tempo, decorrentes do acoplamento teórico-conceitual-existencial, expresso na composição **Turismo-Trama Ecosófico Amoroso e (Auto)Transpoietico para o Mundo N'Ovo**. Retomo, no entanto, em síntese. O **turismo é trama**, porque é produzido em ecossistemas complexos subjetivos que se transversalizam, em dinâmicas e processos de desterritorializações, reinventando mundos, reinventando seres, práticas produtivas, relações, tecnologias, procedimentos, “com-versações de lugares e sujeitos” (BAPTISTA, 2018; 2020; 2021).

O **Turismo deve ser Ecosófico e Amoroso**, pautado pela ética da relação e do cuidado, orientado por políticas públicas comprometidas com a interação entre as três ecologias, reconhecendo que elas são transversalizadas por outras, em uma grandiosa e complexa trama de

feixes, fluxos atratores, ritornelos, nós, sujeitos, lugares, entrelaços, nós, enfim... O **Turismo precisa ser gerador e gerado pelo Mundo N'Ovo**, o que está para nascer, em lógica recursiva inerente à própria condição de brotação da vida.

O Turismo, ontologicamente, **tem vinculações diretas com a produção de vida** e, nesse sentido, fazendo jus a essa ontologia, necessita alinhar-se às dimensões de sabedoria ecológica, para, e somente assim, contribuir para sua (auto)transpoiese, bem como para a (auto) transpoiese de lugares e sujeitos. Dizendo de outra maneira, a autoprodução do planeta, da humanidade, passa pelas interações, conexões, desterritorializações desejanças com dispositivos fundantes da existência de vida.

Ontologicamente, viagem, turismo e comunicação, “com-versações” compõem a potencialidade geradora de (auto)transpoiese, de produção nos e dos nichos ecológicos. O acionamento de sabedoria ecológica, de ecosofia, oferece sinalizadores potentes de onde podemos seguir, assim como a ecologia dos saberes e a conexão com a sabedoria dos povos originários.

Nesse sentido, alinhado com a Teoria de Gaia, de James Lovelock, Ailton Krenak (2020), um dos tantos sábios indígenas do Brasil, nos ensina: “Somos microcosmos do organismo Terra, só precisamos nos lembrar disso” (p. 72). Ele faz um alerta, apresentando uma equação crucial: “Ou você ouve a voz de todos os outros seres que habitam o planeta, ou faz guerra contra a vida na Terra” (p. 73).

Haveria muito mais a dizer, muitos outros parceiros teóricos e existenciais de “com-versações” ecosóficas para mencionar, mas o texto, como inscrição datada, corresponde a marcas em um determinado território comunicacional. Este vai ficando por aqui. Termina com a fala de esperança, de Krenak, porque penso que, em meio às agruras das intempéries, aos desastres e catástrofes, temos que seguir cultivando o verbo “esperançar”, que nos ensinou Paulo Freire. É também por isso que proponho e defendo uma Ecosofia do Turismo, que também pode ser depreendida nas palavras de Ailton Krenak (2020), em texto escrito durante a pandemia, intitulado *A Vida não é Útil*:

Quando pensamos na possibilidade de um tempo além deste, estamos sonhando com um mundo onde nós, humanos, teremos que estarmos reconfigurados para podemos circular. Vamos ter que produzir outros corpos, outros afetos, sonhar outros sonhos para sermos acolhidos por esse mundo e nele podermos habitar. Se encararmos as coisas dessa forma, isso que estamos vivendo hoje não será apenas uma crise, mas uma esperança fantástica, promissora (KRENAK, 2020, p. 47).

REFERÊNCIAS

- ALVES, R. **Por uma educação romântica**. Campinas, SP: Papyrus Editora, 2002.
- BAPTISTA, M. L. C. “**Com-versar**” Amocomtur - lugares e sujeitos! Narrativas transversais sensíveis, envolvendo sujeitos em processo de desterritorialização - Brasil, Espanha, Portugal, Itália, México, Colômbia, Egito, Arábia Saudita e Índia. Projeto de pesquisa vinculado ao Programa de Pós Graduação em Turismo e Hospitalidade - PPGTURH, Universidade de Caxias do Sul-UCS, 2018.
- BAPTISTA, M. L. C. ‘Stamos em Pleno Mar’! Reflexões sobre tempos de pandemia Covid-19, considerando a trama de ecossistemas turístico-comunicacionais-subjetivos. **Cenário: Revista Interdisciplinar em Turismo e Território**, [S. l.], v. 8, n. 15, p. 7–22, 2020. DOI: 10.26512/revistacenario.v8i15.32698. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistacenario/article/view/32698>. Acesso em: 15 nov. 2023.
- BAPTISTA, M. L. C. *et al.* Por um Mundo mais Amoroso e Autopoiético! Reflexões AMORCOMTUR! Durante a Pandemia COVID 19. **Rosa dos Ventos - Turismo e Hospitalidade**, Caxias do Sul, v. 12, n. 3, p. 1-23, 2020. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/view/8690>. Acesso em: 16 jul. 2020.
- BAPTISTA, M. L. C. Amorosidade, autopoiese e ‘com-versações’: a potência dos ‘entrelaços nós’ na educação e na ciência. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 16, n. 4, p. 2358–2378, 2021. DOI: 10.21723/riaee.v16i4.15676. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/15676>. Acesso em: 15 nov. 2023
- BAPTISTA, M. L. C. (Auto)Transpoiese em Narrativas de Viagens. A transmutação subjetiva e ecossistêmica na reinvenção de universos existenciais em movimento. *In*: SOSTER, D. A.; PASSOS, M. Y. (org.) **Narrativas de Viagem 2/Travel Narratives 2: Percursos que transformam**. Santa Cruz do Sul, RS: Catarse editora, 2022.
- BARTHES, R. **Fragmentos do discurso amoroso**. Rio de Janeiro, RJ: Francisco Alves, 1986.
- COLFERAI, S. **Um Jeito Amazônida de ser Mundo**. A Amazônia como Metáfora do Ecossistema Comunicacional: Uma Leitura do Conceito a Partir da Região. Orientador: Gilson Vieira Monteiro. 2014. 226 f. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, AM, 2014.
- CAPRA, F. **O ponto de mutação**. São Paulo, SP: Cultrix, 1991.
- CAPRA, F.; LUISI, P. L. **Visão sistêmica da vida: uma concepção unificada e suas implicações filosóficas, políticas, sociais e econômicas**. São Paulo, SP: Editora Cultrix, 2014.
- CREMA, R. **Introdução à visão holística**. São Paulo, SP: Summus, 1989.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia (1972)**. Lisboa, PT: Assírio & Alvim, 2004.

- DREXLER, J. **Movimento**. [S. l.]: Warner Music Spain, 2017. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/jorge-drexler/movimiento/traducao.html>. Acesso em: 15 nov. 2023
- FARIAS, E. S. **A canção na Amazônia e a Amazônia na canção**. Orientador: Gilson Vieira Monteiro. 2017. 314 f. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, AM, 2017.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo, SP: Paz e Terra, 1996.
- GOSWAMI, A. **O universo autoconsciente: como a consciência cria o mundo material**. São Paulo, SP: Aleph, 2008.
- GUATTARI, F. **As três ecologias**. 3. ed. Campinas, SP: Papyrus, 1981.
- GUATTARI, F. **Caosmose. Um Novo Paradigma Ético-Estético**. Rio de Janeiro, RJ: Ed. 34, 1992.
- HARVEY, D. **O novo imperialismo**. São Paulo, SP: Loyola, 2005.
- HARVEY, D. **O neoliberalismo: história e implicações**. São Paulo, SP: Loyola, 2008.
- KRENAK, A. **O Amanhã não está à venda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- MATURANA, H. Ontología del conversar. **Revista Terapia Psicológica**, Santiago, v. 10, p. 1-16, 1988. Disponível em: <https://repositorioslatinoamericanos.uchile.cl/handle/2250/1371614>. Acesso em: 15 nov. 2023
- MATURANA, H. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte, BH: UFMG, 1998.
- MATURANA, H. Entrevista Humberto Maturana. [Entrevista concedida a] SACRAMENTO, M. H.; VIEIRA, A. J. H. **Revista Humanitates**, Brasília, v. 1, 2, 2004.
- MATURANA, R. H; VARELA, G. F. J. **De máquinas e seres vivos: autopoiese e a organização do vivo**. 3. ed. Porto Alegre, Artes Médicas, 1997.
- MATURANA, H; D'AVILA, X. **El árbol del vivir**. [S. l.]: Escuela Matriztica, 2015.
- MORIN, E. **Amor, poesia e sabedoria**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- MORIN, E. **É hora de mudarmos de via: as lições do coronavírus**. Rio de Janeiro, RJ: Ed. Bertrand Brasil, 2020.
- NARDY, R.; DI FELICE, M. Narrativa sobre a crise do antropoceno e o novo estado da terra em uma perspectiva reticular. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 44., 2021. **Anais [...]**. [S. l.]: Intercom, 2021. p. 1-14. Disponível em:

<https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/003073549.pdf>. Acesso em 15 nov. 2023

ORIGEM DA PALAVRA. Etimologia da palavra “Turismo”. 2023. Disponível em: <https://origemdapalavra.com.br/pergunta/origem-da-palavra-viagem/> Acesso em 15 nov. 2023

PRIGOGINE, I. **Ciência razão e paixão**. Belém, PA: Eduepa, 2001.

RABAÇA, C. A; BARBOSA, G. G. **Dicionário de comunicação**. São Paulo, SP: Ática, 1987.

RESTREPO, L. C. **O direito à ternura**. Petrópolis, RJ: Voze, 1998.

SANTOS, B. S. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra, PT: Almedina, 2020.

STENGERS, I. **No tempo das catástrofes: resistir à barbárie que se aproxima**. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

Sobre os autores

Maria Luiza Cardinale BAPTISTA

Universidade de Caxias do Sul (UCS), Caxias do Sul – RS – Brasil. Professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade da Universidade de Caxias do Sul. Coordenadora do Amorcomtur! Grupo de Estudos e Produção em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiese (CNPq-UCS). Doutorado em Ciências (ECA-USP) Estágio Pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura do Amazonas (PPGSCA-UFAM).

CRediT Author Statement

Reconhecimentos: Agradeço às ‘com-versações’ com os integrantes do Amorcomtur! Grupo de Estudos em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiese (UCS/CNPq), que são inspirações para os meus textos.

Financiamento: Não aplicável.

Conflitos de interesse: Não há conflitos de interesse.

Aprovação ética: O trabalho é um ensaio teórico-reflexivo, resultante de muitos estudos pessoais da autora, em Turismo, Comunicação e Subjetividade. Não há comprometimento ético na reflexão.

Disponibilidade de dados e material: Pela lógica de ensaio, não há disponibilidade de dados.

Contribuições dos autores: Autoria única. Contribuição integral.

Processamento e edição: Editora Ibero-Americana de Educação.
Revisão, formatação, normalização e tradução.

